

V

Não faz mal! Não consegui despedir-me do velho, mas tinha um pressentimento que voltaria a encontrá-lo.

Não gosto disso: pressentimentos. Gostaria que alguém explicasse-me logicamente, os pressentimentos, não percebo como se pode sentir algo que ainda não aconteceu. Por vezes, sei os pressentimentos como uma projecção das minhas ansiedades e a parte pior, é que muitos desses, são verdadeiras imagens da realidade que está para vir. É que há certas imagens pressentidas que se tornam dados dos sentidos. E eu temo tanta coisa que imagino.

Poderia ir de autocarro, mas, resolvi ir de táxi. Queria ir a pé mas tenho receio de me perder, só tenho a morada da 'Jenny' e pouco ou mal conheço a zona. Não tenho intenção de chegar atrasado ao nosso primeiro encontro. Ainda tenho tempo, muito tempo, mas não é tempo suficiente para tudo. Categoricamente tenho que acrescentar que o tempo não detém a minha simpatia. Se não houvesse tempo, não morríamos de velhos, mas a verdade é natural: morremos e não temos em vida tempo suficiente para fazermos tudo o que queremos.

Sou um adepto da dinâmica, mas, acho que a Terra gira muito depressa, portanto, acho que o melhor é despacharmo-nos e fazermos o máximo que podermos. Não tenho relógio e não me preocupo com as horas que são, mas: tenho a certeza, dadas as horas em que saí de casa e estimando duração do trajecto, que não estou atrasado; devo estar é aliás, um pouco adiantado; não vou é esquecer de aproveitar esta sensação que há muito não experimentava (quem não te conhece não te compreendeu).

È verdade, não gosto de relógios, os relógios apressam-me e eu não gosto de ser apressado, por isso, por dia tento olhar para os relógios, sempre na desportiva e sempre sem um compromisso sério, de momento a momento. Há que ir com calma, gozar o momento e pensar o que poderei fazer com ele. Um minuto é muito tempo, é menos se estivermos preocupados com os segundos. Se chegámos

atrasados é porque não pudemos mesmo chegar a horas. Afinal, porquê tanto alarido com as horas, se nem temos um compromisso horário com o Destino?! (caminhai sem stress, calmamente, se calhar até conseguirão chegar a horas para enganar o Destino! hi, hi)

Já sei o que razoavelmente poderei fazer com o tempo que me resta:

Entre num táxi e logo o motorista desejou-me o *bom dia* e eu reflecti um *bom dia* igualmente. Imperei o destino e acrescentei que fosse escolhido o trajecto turístico até a esse endereço; aditei que estava com tempo e que queria então aproveitar esse tempo da melhor maneira e *porque não usá-lo para conhecer o Barreiro*. O motorista riu-se, como se de uma pequena piada, do dia-a-dia, se tratasse. Já estava o carro em andamento.

- Então o senhor quer conhecer o Barreiro - uma curva - de táxi e pelo trajecto turístico - e baixou o volume do auto-rádio - isso vai lhe custar um bocado - parou no sinal - já agora pelo o que conhece do Barreiro, gosta?

- Conheço pouco, alguns aspectos, interessantes, mas não conheço muito. O pouco que sei soube por um *velho* amigo me contou que esta linha de comboio por onde iremos passar, foi edificada no final do século XIX e que é deveras importante á realidade do Barreiro.

- Também sou da mesma opinião! - exclama o motorista. E seguiu-se depois um breve silêncio - Sabe quantas vezes fico eu e o meu carro, aqui presos, por dia, há espera que o lento de um comboio... passe e nos deixe passar... isto é uma desgraça. Sempre que posso evito passar por aqui e os meus colegas condutores deviam era fazer o mesmo e mostrar a essa linha de comboio como é que é!

- Falei então num gozo, sem mostrar que estava a gozar, por educação e para não sofrer retaliações que podiam ser violentas (ainda não consegues deixar de ofuscar aquilo que é a tua natureza!) um tanto surpreso com a jocosidade do motorista. - Desculpe, mas penso que esta linha de comboio, vale um pouco mais que isso!

- Vale, acredito que vale, mas quanto a mim, por enquanto, é só este juízo que faço a esta linha desgraçada e sem graça - Responde-me o motorista, continuando logo de seguida. - quantos clientes que perco. Quantos barcos, perdem os meus clientes, digo-lhe esta linha é um estorvo. Já quando eu era criança os meus pais, passaram, por causa desta linha, a não me deixar andar livremente pelo Barreiro. Receavam o comboio. Pudera! Também eu! E o ruído e o cheiro que fica quando ele passa, o chão que treme, a poluição, isto é um estorvo, digo-lhe, isto é um estorvo, decididamente é um estorvo e eu nem percebo o porquê que, ainda, utilizam as pessoas o comboio,

tantos outros meios de transporte que existem! Será que não percebem que um comboio é um, é um... ESTORVO!

- Acredito! - e calo-me. (e fico a pensar que se ele não tivesse tido tanto medo do comboio enquanto criança se calhar hoje conseguiria ver nesse meio transporte boas qualidades) Pois perante aqueles factos, não valeria a pena argumentar em favor do comboio diante deste homem; ele estava mesmo chateado! (acobardaste-te diante de alguém que falava mal de algo sem razão, só porque achavas que conseguias continuar a viver bem com isso; já ouviste falar de algo denominado consciência? SEU COBARDE! não sujes a tua.)

Mais adiante, já a linha livre para a nossa passagem, o motorista aponta de fugida á sua esquerda e diz-me - Ali é a Avenida Alfredo da Silva, sabe, daquele senhor da Quimigal! Há outros senhores que foram também tão importantes, mas a esses ninguém liga, deve ser por esses serem portugueses mais estrangeiros em Portugal que o tal, meio inglês meio português, Alfredo da Silva. E ainda por cima esta Avenida tem esse nome... já viram isto... dum velho inglês de chapéu de coco e bengala... não havia ninguém nacional para eles darem o nome á Avenida. (se soubesses a história, seu animal...) Esses políticos, também, usurpadores do ócio, estão numa situação privilegiada de poder e nada de jeito fazem com ele! Ao menos o nome é da nação! (mas tu sabes lá o que é nação; só quando formos

invadidos pelos Et's é que tu e outros como tu, perceberão que pertencemos todos á única verdadeira definição de nação, a Humanidade)

Ali estão os centros comerciais maiores do concelho, um parque, algumas lojas, e acolá, que é para onde estou a dirigir-vos, é a Avenida de Praia, tem esse nome por ser á beira-mar, *penso eu de que*, pelos menos pela lógica assim seria!

- Sim! E estou até a associar o nome dessa Avenida a uma festa tradicional daqui no Barreiro, estou correcto?

- E o motorista respondeu-me - Deve ser, não duvido!

Sei que esta igreja, é de há muito, é demasiado antiga, já foi reconstruída, ampliada, e muitos blá, blá, blás, antes era uma simples ermida dedicada a S. Roque foi ampliada porque era muito concorrida. É um facto histórico. É já sei essa festa deve ser a tal procissão. Mas não há só essa festa existem outras ás quais não dei atenção quando li o panfleto.

E a viagem continuou e ao passarmos por uma outra igreja, o motorista refere:

- Esta é a Igreja de Santa Cruz, a igreja matriz, não se sabe a data exacta da sua fundação, mas sabe-se que já existia á data do estabelecimento de freguesia ao Barreiro, lá para o século... XV. Foi vendida e encerrada ao culto, após a implantação da República no

país, isto ocorreu na primeira década deste século - *tá a ver* - e assim parte do seu recheio foi igualmente perdida, mas, 19 anos passados sobre esse acontecimento. O Sr Salazar, *tá a ver* naquele tempo é que era bom, o Sr. Salazar recuperou-a, melhorou-a e pô-la a funcionar outra vez na sua antiga função, como Igreja.

O largo, ao qual, a porta principal desta igreja faz ligação, chama-se *Padre António Vieira*. Este padre, que muito se notabilizou pelos seus actos e documentos que deixou insinuados, contra os abusos que eram proferidos pelos homens brancos de Portugal aos índios da terra de Santa Cruz, reivindicava, um tratamento decente, dos colonizadores para com esses povos da América, terra recém-descoberta e que estava, pois então, em processo de exploração. Reclamava este padre, em muitas das suas cartas, um tratamento de igual para igual, para com os índios, porque ninguém é mais pessoa que outro alguém. Argumentou numa das suas cartas que os abusos e a falta de consideração, do povo da Europa, para com os pobres homens e mulheres da América do Sul, era heresia, era algo que ia contra os mandamentos de Deus.

Sei até que numa carta que o Padre António Vieira, escreve a D. Afonso VI, a 20 de Abril de 1657, lia-se e passo a citar: *“porque tudo vai misturado com o sangue dos pobres, que está sempre clamando ao Céu.”*(já te percebi!)

E eu não percebi. Fui surpreendido. Assaltado com o que este motorista de táxi, disse sobre o Padre António Vieira, visto que nas outras matérias que foi falando grosseiramente esta não encaixava. Estaria o taxista a deitar conversa fora, a falar á toa... e tudo isto que acabou de dizer seriam mentiras... balelas... disparates... histórias que ele próprio inventou para me gozar. Não sei! Só sei que nada sei e que ainda estou surpreendido; e portanto ainda levado a acreditar que o que foi dito por ele é uma ardilosa verdade, pois, concordo totalmente com a citação!

Não sei; mas como se conseguisse ler pensamentos o homenzinho diz: - O Sr. deve estar a perguntar-se se o que eu disse corresponde ou não á realidade, deixe que lhe diga, não perca tempo a duvidar de mim, eu nunca estou errado e raramente tenho dúvidas e depois este é um dos assuntos do meu maior interesse e da minha maior consideração, por isso garanto-lhe a autenticidade destes factos. Informe-me, melhor, sou informado aqui, no meu lugar de taxista, de realidades que ostensivamente são bem diferentes da minha, somos todos iguais mas uns são pobres e outros não, uns sofrem e outros fazem sofrer. Não o quero maçar, mas deixe que lhe diga que a minha vida teria sido diferente, se calhar mais fácil, se eu tivesse nascido num berço mais rico, talvez num de ouro. (já percebi. És tão egoísta que consegues usar algo tão universal e geral quanto isso que

estás a falar, para reclamares da tua condição em particular e literalmente, *defecares no resto*, mas, afinal, neste mundo há mesmo, mas mesmo, eu não acreditaria se não ouvisse esta besta, mas há *estúpidos!!!*)

- Mas o porquê, não está satisfeito com a sua vida? - Pergunto, tentando perceber o dilema daquele senhor.

- Oiça, não é que eu esteja insatisfeito com a minha vida - respondeu - mas... se por acaso os meus pais tivessem isto e aquilo, eu teria isto e aquilo por herança e se assim fosse, certamente me surgiriam melhores oportunidades e a minha vida teria tomado um rumo totalmente diferente deste que teve e está a ter.

E eu não consegui permanecer indiferente a tal consideração e nem hesitei em expor os meus pontos de vista sobre isso, a sua insatisfação sobre a vida que tem: - Concordo que seria diferente, diferentes princípios, diferentes configurações, mas, tem a certeza que seriam melhores do que esta que têm? Não está satisfeito com o que têm? E se pudesse, agora, voltar atrás no tempo, o que mudaria na sua vida? E todas as implicações que essa mudança traria, valeriam a pena?

E acha certo enjeitar assim as suas raízes? Acha correcto, entender que as raízes, a natureza de uma pessoa, não é de respeitar e de reproduzir sempre que possível? Mas o senhor realmente acredita

que se no passado os seus pais vos tivesse dado isto e aquilo, a sua vida hoje, seria melhor, mas, é desta maneira que enjeita aquilo que o fez, aquilo que têm, aquilo que é, aquilo que produziu, aqueles que tem ao seu lado; não gosta de si, não gosta dos amigos que têm, é um facto!

Concordo que o que foi feito antes do meu nascimento foi importante á minha vida, mas, acrescento que não foi, o mais importante ao curso que a minha vida tomou, isso só aconteceria se eu sofresse do mal - preguiça - o mais importante foi o que eu fiz com essa vida que me foi deixada. Não acho certo estar-se sempre a reclamar e a não dar valor àquilo que se têm.

Sr. *sei lá o nome* partindo do principio que enquanto Homens temos o poder no presente, não imagine o como seria se pudesse no passado... imagine e pergunte-se, o que pode fazer com aquilo que têm, o como posso, o como será, hoje e depois actue. Use o *se* como um impulso para agir. Só se pode agir no presente, portanto... aproveite.

O futuro é uma ilusão, por vezes um objectivo, é um farei. O futuro alternativo é um disparate! O passado está feito e no presente eu faço. O futuro, hoje, é o que nós sonharmos, sonhamos o que queremos e temos pesadelos com o que não queremos. Sonhemos para o futuro, não sonhemos pelo passado. A razão da coragem está

no futuro! O passado é importante, é donde viemos, é o nosso fundamento, é onde está a razão de querermos o que queremos hoje e em resposta é o hoje o reflexo d'ontem, mas, o ontem está feito e nada deve ter a ver com o presente. Não se deve, também não se pode, refazer o que já está feito; como já referi: o passado, o pretérito, está tão certo que normalmente lhe chamam perfeito e a perfeição, ó meu amigo, é incorrigível. O passado pode-se esquecer, evitar, mas nunca poderá ser corrigido, nem sequer depois de inventada a máquina do tempo!

Agora peço imensa desculpa se o meu espírito permanecer, por uns tempos, a assombrar as suas ideias. (estes pensam que brincam com as palavras quando são as palavras que se riem deles.)

- Tem razão, tem razão! Peço imensa desculpa. Tem razão!

E não, não se preocupe com isso aqui ninguém assombra ninguém!

E a viagem continuou e o silêncio se formou, logo após eu ter dito ao motorista que me dirigisse directamente ao destino, porque afinal eu não tinha tanto tempo disponível, quanto pensava. E esse silêncio, que não era de ouro, mas que era de ferro, foi dilacerado quando o motorista pára o carro e diz - Não há táxímetros, o preço da *corrida*, é mil e quinhentos escudos. -

Ia me enervar, mas, paguei ao taxista, até deixei-lhe uma gorjeta, 30 *paus* (0.149 €) e solicitei-lhe que não se sentisse ofendido, mas, aprendi e passei a respeitar o principio de quando uma ideia não me parecer válida, não hesitar em ampliar, para o bem e esclarecimento de todos, essa suposta invalidez! Não era propriamente para ofendê-lo! *Tá a ver!*

E logo como se de um duelo ao meio dia em pleno oeste se tratasse. (A cidade do oeste sustem a respiração, o vento obriga o éter a passear-se com areia) E ele dispara: BUM! - Não é que me tenha sentido ofendido, até porque sou do mesmo aprendizado, quando uma ideia não me convém eu demonstro-o, mas hoje não estava com vontade de me chatear. -

Desta feita eu é que fiquei ofendido. Não estava com vontade de se chatear, olha ò sacana, não tinhas era contra-argumentos, olha ò sacana – resignei-me perante mim próprio; mas não me chateei, muito em contrário.

Despedi-me educadamente, referindo entre um sorriso de dentes cerrados e preparados para morder ferro - foi um prazer - e segui o meu caminho. - Graças a Deus! -